



Pe. Daniel Nascimento | Assistente Nacional

«QUEM SOU **EU, SENHOR DEUS**, E QUEM É A **MINHA FAMÍLIA**, PARA QUE **ME TENHAS CONDUZIDO ATÉ **AQUI?**** (2SM 7,18)



Foto: Mariana Gonçalves

Com um misto de surpresa e incredulidade, o rei David – um dos modelos de vida para os nossos Exploradores, Moços e Aventureiros, é bom não esquecer – confessa-se pequeno, face à grandeza do projeto de Deus para com ele e com a sua descendência. Afinal, depois de uma série de peripécias até conseguir chegar ao trono de Israel, David percebe que Deus quer estabelecer uma aliança eterna. Este é um dos momentos-chave do Antigo Testamento, onde se destaca a enorme gratuidade do amor de Deus, muito para além de qualquer mérito humano.

Aparentemente nada disto tem que ver com a celebração do cinquentenário do 25 de Abril. Mas permitam-me este paralelo, a partir do inesquecível poema de Sophia de Mello Breyner Andresen: «Esta é a madrugada que eu esperava / O dia inicial inteiro e limpo / Onde emergimos da noite e do silêncio / E livres habitamos a substância do tempo» (*O nome das coisas*, 1977)

Por intermédio do profeta Natan, Deus fala de noite (2Sm 7,4), para dizer que o que importa não é a casa (ou seja, o Templo) que David quer fazer para Deus, mas sim a casa (a descendência, isto é, o projeto de amor perene) que Deus estabelece para David. A manhã seguinte já é, portanto, diferente. Não que tenha mudado muita coisa. Pelo menos, exteriormente. Mas já está presente uma luz diferente, uma forma diferente de olhar para a realidade, porque o caminho

está mais iluminado. Mais livre, porque Aquele que habita a substância do tempo se mostrou cada vez mais presente e relevante, na vida de David e de todos os seus contemporâneos. Ainda assim, David continuou a errar (basta folhear 2Sm 11 para encontrar um bom exemplo!) e o caminho da sua descendência foi, na melhor das hipóteses, titubeante!

Salvaguardadas as devidas distâncias, gosto de pensar no 25 de Abril de forma semelhante. Com um misto de gratidão pelo que foi recebido e de empenho na construção de um amanhã que nem sempre canta. Como um dia de iluminação de novas possibilidades. Não um desenho completo, mas um esboço de possibilidade. Algo que recebemos e herdamos, mas que ainda não levámos a pleno cumprimento. Como momento fundador de um período que, na sociedade portuguesa e na Igreja, foi simultaneamente promissor e confuso, destabilizante e libertador.

Assim, façam minhas as palavras de António Barreto, num artigo que escreveu no número de abril da *Brotéria* (revista mensal dos Jesuítas, provavelmente o melhor periódico cultural no nosso país): «O 25 de Abril não deve ser estimado pelo muito de bom que se seguiu, e foi muito. Nem julgado pelos erros e deficiências que se verificaram depois, e muitos foram. O 25 de Abril deve ser avaliado pelo que é, um acto libertador e um momento fundador. Não é pouco.» ■